

Amei-te a trança loura, atada em laços.
Encharquei-me de verde dos teus olhos.
Gastei a mocidade em teus espaços
– satélite de fitas e de folhos.
Quiseste dar o corpo a outros braços...
e eu fiz da dor, do ciúme grandes molhos
que aos ombros carreguei com mil cansaços,
sem poder evitar alguns abrolhos.

O tempo apaga tudo. Até paixão...
Viúva agora, vens-me procurar,
julgando ver o moço que era então.
Repara! Velho, as costas a curvar,
desfeite em pó e cinza, o coração!...
Tardaste tanto, amor, para voltar!...

Tito Olívio Henriques, Em Um Álbum

Zunindo nágua, corre a corda indiana,
vergando a vara fina de bambu;
raio de prata, salta a tabarana,
espumejando as águas do Mandu.
Por sob a ponte, em tábuas de imburana,
canao mansa desce o rio nu;
voa um socó no verde da liana,
fugindo ao bote do jaracuçu.

Hoje, um canal barrento no Aterrado
é só lembrança triste do passado,
mirando as garças brancas – lá no alto...
E, em vez das águas claras de janeiro,
dorme o Mandu, no sono derradeiro,
amortalhado num lençol de asfalto.

Newton Meyer Azevedo, O Sonho do Mandu
(Ao rio que mataram em minha terra...)

Preciso reaver-te! Não aceito
sofrer esta derrota acachapante.
Se perco, foi lutando como um infante...
prefiro minha morte à dor sem jeito!
Sem ti por perto o ar é rarefeito.
Meu sangue está jorrando em uma vazante...
Socorro! Sirvam-me um coagulante...
Meu coração desfaz-se no meu peito.
E o teu, guardaste bem dentro do escrínio
bem junto à aliança que eu te dei,
ou já entregou a outro e eu não sei?
Que sei é que não mais tenho o domínio
das coisas relevantes da minha vida,
nem mesmo sobre a porta de saída.

Alexandre Espírito Santo, Vazante; em
4a Antologia Poética Vargas Netto, 2000
CP 212, CEP 97670-000 – São Borja, RS

SELEÇÕES EM FOLHA

mfmenez@ig.com.br

Ano 9, Nº 07 – 2005, JULHO
Assinatura até Dezembro de 2005: 05 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu E-Mail para remessa mensal grátis.

Mi paje, hombre de respeto,
al andar castañeta:
hiela mi paje, y chispea:
mi paje es un esqueleto.

El alfiler de Eva loca
es hecho del oro oscuro
que le sacó un hombre puro
del corazón de una roca.

Un pájaro tentador
le trajo en el pico ayer
un relumbrante alfiler
de pasta y de similar.

Eva se prendió al oscuro
talle el diamante embustero:
y echó en el alfilerero
el alfiler de oro puro.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XI (conclusión) e XVIII;
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Quando o forró terminou,
houve briga, o pau comeu...
só apanhou quem ficou,
só se salvou quem correu!...

...Ai chegou a saudade!,
foi apertando... apertando...
quando doeu de verdade,
peguei o orgulho chorando!

Chegou cedo, o bom marido
e amanheceu sobre a mesa...
– De que teria morrido?
– Ora, meu... foi de surpresa...

O viver é um instante
– não esqueça, ó abastado,
o viver não vai adiante,
tudo na vida é emprestado.

Ah! Portugal, se hoje estou
de ti saudosa e distante,
foi porque o mar encantou
os meus sonhos de emigrante.

Meus olhos têm, dois meninos
sofrendo tanto, meu Deus,
querendo unir seus destinos
ao das meninas dos teus.

Aloísio Bezerra, 0507; O Patusco, CP 95,
CEP 61600-000 – Caucaia, CE

Antônio C. T. Pinto, 0506; em Trovaregre
CP 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Divency Boselli, em 0504 Sem Limites: R.
Azenor Meira 14-73, 17015-301, Bauru, SP

Manoel F. Menendez

Marina Bruna, em
Fanal 0506 – casado.posta@aol.com.br

Romilda Meirelles, em
Koisalinda 0503

TEMAS DA SAZÃO INVERNO – QUIDAIS DE INVERNO

Casebre do morro.
Na bacia enferrujada
pulóver manchado.

De uma porta aberta
sorrateiro vento frio
brinca nas cobertas.

Pequenina mão
qualquer comida pedindo.
Frio no portão.

Sob o céu azul
seara de brotos de trigo
confunde o horizonte!

Esposa idosa
recebe rosas vermelhas:
Dia dos Namorados.

Frete frio chega
vovó resmunga sozinho
esfregando as mãos.

Nevoeiro de inverno
o céu flutua no abismo
da Serra do Mar!

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

Igreja padroeira...
O Dia do Motorista,
missa comemora.

Na porta um aviso:
– o horário permanecendo.
Dia do Comerciante.

A noite está fria.
Estrelas piscam no céu.
Tetas estufadas.

Há capim-gordura.
Mugem vacas leiteiras...
Tetas estufadas.

Salada de brócolis.
Temperada – saborosa.
Prato do dia!...

Ramo de alecrim,
surge entre as batatas fritas.
Tempero da avó.

Antes da foto
o turista ajeita seu
cachecol de lã.

Analice Feitoza de Lima

Anita Thomaz Folmann

Cecy Tupinambá Ullóa

Fernando Vasconcelos

Hélvico Durso

Maria Reginato Labruciano

Sérgio Francisco Pichorim

HAICUS E M FOLHA

Terras cultivadas
exibindo e celebrando
Dia do Colono. M

Músicas e danças.
Toda a roça está em festa.
Dia do Colono. S

Os carrapatinhos,
no lombo da inquieta vaca,
festejam a vida! M

Descansam num canto
as ferramentas da roça.
Dia do Colono. A

Traças contorcidas;
pende nos galhos e troncos
o cipó-escada. F

Muitas flores alvas.
O meu muro se enfeitando
com cipó-escada. S

Paisagem campestre.
Flores de cipó-escada
vão galgando a cerca. B

Dia do Colono.
Entre as espigas douradas,
eles comemoram. S

No cipó-escada
formigas sobem e descem
buscando alimento. E

A colônia inteira
vai às ruas festejando.
Dia do Colono. M

Bando de sagüí
encontram cipó-escada;
brincadeira à vista. J

Enxada na mão.
Suor pingando na terra.
Dia do Colono. B

Cochilo na rede
sob a copa do arvoredo.
Dia do Colono. F

Aparada a grama
o cão é o novo endereço
dos carrapatinhos... F

Na zona rural
festa de frutas, legumes.
Dia do Colono. S

No meio da praça,
cipó espada se enrosca
no dorso da árvore. B

Braços caleçados
abraçam cestos de frutas...
Dia do Colono! F

Foi boa a colheita,
festa na cooperativa.
Dia do Colono. M

O cão da fazenda
pegou uns carrapatinhos:
ele toca viola... S

O velho sorri:
o carrapatinho morto
aperta entre os dedos. S

Festa na fazenda:
carne, música e rodeio.
Dia do Colono. M

Cachorro se coça:
carrapatinho perdido
no meio dos pelos. S

Famílias unidas
em torno da fogueira:
Dia do Colono. S

Envolvendo o arbusto
com flores e vagens, segue
o cipó-escada. J

Coceira nos braços.
Vegetação carregada
de carrapatinhos. S

O menino coça
carrapato na barriga.
A pinta sumiu... J

Descansando os olhos
sobre o milharal colhido.
Dia do Colono. M

Passeio no pasto
carrapatinhos intrusos...
Coceira gostosa. S

O hocu (literalmente *estrofe inicial*) era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos deste. O hocu, devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

SELEÇÕES MENSASIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.07.05, quigos à escolha: Dia do Livro, Tié-preto, Tumbérgia.

Remeter até 30.08.05, quigos à escolha: Arco-íris vernal, Flor de pereira, Semana da Música.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou
mfmenez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS (TERCETOS) PERSONAGEM * e À MODA OCIDENTAL *

Criança na calçada. ◦ Um jornal de cobertor, frio de injustiça. Alison Cardoso de Oliveira	Superando o nome, ◦ mandioca, aipim, macaxeira, farofa gostosa. Alba Christina	Na beira da estrada, ◦ os folhudos mororós acenam, felizes... Amália Marie	Toma lá dá cá * Dia do Comerciante tilinta o caixa. Amauri do Amaral Campos	Vitrine enfeitada ◦ Dia do Comerciante, é lucro na certa. Cecy Tupinambá Uihôa	No armário, empilhados,* os agasalhos aguardam a chegada do frio... Djalda Winter Santos	Entre suínas, ◦ raio de sol adormece... Sonhos de esperança. Ercy M. M. de Faria
Chão tupiniquim... ◦ – Quanto triste ver desperdício das folhas de aipim! Fernando L. A. Soares	Durante o inverno, ◦ a sopa de aipim tem o seu lugar. Hélcio Durso	Rigoroso frio... ◦ E, no recesso do lar, as almas se aquecem!... Hermoclydes S. Franco	A arte é do povo! ◦ No Dia do Trovador, cantigas na rua. Humberto Del Maestro	Na Terra do Sol, * no Ceará, ninguém se queixa de praia de inverno. João Batista Serra	Dia do Comerciante ◦ é dia feliz país farmacêutico. Jorge Picanco Siqueira	Homem ri, feliz, ◦ no Dia do Comerciante. Retidão premiada! Leonilda Hilgenberg Justus
A criança pega * um morango da fruteira. Pena... é de cera! M. U. Moncam	Hoje o rio está seco ◦ no lugar onde nasci. Floresta queimada. Nadyr Leme Ganzert	Cenário de caixa ◦ fila imensa, contas correntes. Mundo moderno. Nilton Manoel Teixeira	Dezoito de julho: * no Dia do Trovador, falta inspiração. Renata Paccola	O bicho-de-pé ◦ causa estranha sensação, que tanto incomoda... Santos Teodósio	Dia do Comerciante. ◦ Na rotina do balcão é tudo igual. Sérgio Francisco Pichorim	Crianças se abrigam * sob as marquises das lojas. O frio não cede. Walma da Costa Barros

– Por que corre? Alguém pergunta com jeito meo simplório. – Foi o riso da defunta que espantou todo o velório. Adelir Machado	No consultório, eu pesquiso a ausência de clientela... Não posso conter o riso: – é que o dentista é banguela! Albertina Moreira Pedro	– Arlindo, que estás fazendo? – Nada, meu pai, só sorrindo. – E tu, Ney, vai respondendo. – To ajudando ao Arlindo!... Aloisio Bezerra	A cachaça é morte lenta, fala o padre pra valer. Sorrindo, diz Dona Benta: – Quem tem pressa para morrer? Aloysio Alfredo Silva	O palhaço – assim o creio – é aquele artista, preciso, que entalha no rosto alheio a perfeição de um sorriso! Antônio de Oliveira	Meu talento é posto à prova, quando minha musa, enfim, desperta o artista da trova, que existe dentro de mm! Antônio Valentim Rufatto
Não sei se é fato ou se é onda que o luar do meu sertão toda noite faz a ronda, formando cenas no chão! Célia Guimarães Santana	Suspeito que na verdade a moda, que às vezes choca; não nasce da novidade mas dos risos que provoca! Cléber Roberto de Oliveira	Hoje já velho e alquebrado, pobre artista sem vintém, ouço as palmas do passado, olho a platéia... ninguém! Dalmir Pena	Por uma peça enganado fui naquele dia primeiro, passaram meu ordenado pra trinta e um de fevereiro... Daniel Souza Farnetti	Coração, lugar bem quente, com tristeza, não combina! de amor, pulsando, é corrente de cena alegre e divina. Helena Fonseca Duarte	O papagaio falante muito riso provocou, quando de modo galante... a galinha ele cantou! Istela Marina Gotelipe Lima
Sorriu o riso de um anjo chamei-a meu querubim. Chega o marido, um marmanjo, quase dá cabo de mim. Jaime Pina Oliveira	Faz-me rir certo vizinho: a uma dona meio <i>macha</i> ... chamando-a <i>meu biscoitinho</i> , levou tremenda bolacha!... João Freire Filho	Em Sete Lagoas, riu, mas riu tanto o Zé Gamboa, que de repente, surgiu, a seus pés outra lagoa!... José Maria M. Araújo	Em telas que a natureza apresenta aos olhos meus, leio embaixo com clareza, o nome do artista: Deus! Manoel Nahas Neto	Num mundo de insanidade onde o medo rouba a cena, vive o homem em liberdade ou será que cumpre pena? Maria Goretti Souza Farnetti	Ainda que o desengano seja uma chance prevista, eu quero ser um piano para ter seus dedos de artista. Maria Theresza Cavalheiro
– Peça, meu amo e senhor, que eu lhe darei bem depressa ouro, posses, o que for... – Quero mulher. E, sem peça! Nanci Rodrigues Zumerly	Causa risos, – o Libório, sempre que à pinga se junta: – certa noite, num velório, quis deitar-se com a defunta! P. de Petrus	Louco artista é o trovador que o sofrimento encontra quando exhibe a própria dor no palco de sua trova. Raimundo Alonso Pinheiro Rocha	O açougueiro perguntou: – Qualé peça que tu qué? Depressa, o velho afirmou: – As coxa dessa muié! Ronaldo Afonso Franco Júnior	Mesmo rindo da tristeza, e brincando com a miséria, eu tenho plena certeza, de que riso é coisa séria. Therezinha Zanoni Ferreira	Com Dedé, Didi, Mussum, são quatro sem dente siso, mas Zacarias tem um, na frente: é o dente do riso! Varli Ôlo de Oliveira

Reencontro, 1995 – II Concurso Nacional de Sonetos, Crônicas e Trovas UBT Sete Lagoas

Ferradura achei no lixo. Paguei mico, soltei urro, por ter perdido no bicho... Joguei cavalo, deu burro! Abílio Kac	O livro faz a abertura das trilhas rumo ao saber. O saber faz a cultura, que faz a gente crescer! Antonio Augusto de Assis	Se algo se solidifica depois de tempos de estudo, Cultura é aquilo que fica depois que se esquece tudo! Arlindo Tadeu Hagen	Ignorância – escravatura... mundo vil da escuridão... Cultura – luz que assegura a nossa libertação! Benedito Carmargo Madeira	Cumprindo a nobre missão de divulgar a cultura, guarda o livro a tradição para a geração futura. Creusa Cavalcanti França	Cultura... refúgio d'alma caminho da evolução; que tira do homem o trauma e as vendas da escuridão. Dalmir Pena
Cultura não mede espaço; segue aliada ao progresso. Sem ela, só embaraço na linha do retrocesso. Edith Marlene de Barros	Quem lê os males espanta é a verdade mais pura um bom livro nos encanta e aumenta nossa cultura... Eunice Ribeiro Netto Sá Fortes	Quem não quiser pagar mico que atente à verdade dura: é melhor fechar o bico do que similar cultura. Gustavo Wider	Não mudou nada o gaiato; nem depois que ficou rico, pois, se antes, pagava o pato, agora... ele paga mico!! Heloisia Zanconato	Investindo na leitura, buscamos novo elemento; elaborando a cultura, trilhando o conhecimento! Ieda Marini Souza Oliveira	Eu vou além do horizonte sem precisar de convites... Minha cultura é uma ponte que não demarca limites!! Joaquim Carlos
Da chuva não corro mais! não pago esse mico, ó gente! correr dos pingos de trás pra me molhar nas frente? Josafá Sobreira da Silva	É a trova em seu natural mordaz, alegre ou dolente, lindo trecho musical de quatro notas somente. Lilinha Fernandes	Desde os tempos de colégio, é a cultura, em meu conceito, não, de pucos, privilégio mas, de todos, um direito! Manoel Fernandes Filho	Cultura é pra ser usada para o bem da humanidade se ficar estagnada se transforma em vaidade. Márcia Allemann	Chim, ordenança fiel, paga mico e seus pecados: o neném do coronel tem olhos amendoados. Relva do Egypto Resende Silveira	Também serve de fomento, e até de força motriz do seu desenvolvimento, a cultura de um país. Sandro Pereira Rebel
Não basta, seja a quem for, ter a cultura por dom, que um homem só tem valor se, além de culto, for bom. Sérgio Bernardo	A cultura ave tão rara que não tem credo nem cor, que não tem preço e é cara, que faz do pobre, senhor! Sérgio Carvalho	Cultura é tradição, glória traduzindo a alma do povo que sabe honrar sua História, – valor do velho e do novo!... Sonia Maria Ditzel Martelo	Dessa cultura esmerada de tudo que o mundo ensina, conclui que não sou nada, névoa, apenas... só neblina. Sonia Maria Sobreira da Silva	Cultura, um bem precioso... É nobre herança dos pais; um legado valioso... Nunca se acaba, jamais! Therezinha de Jesus Lopes	Por que viver a imitar toda essa moda estrangeira? Prefiro valorizar a cultura brasileira. Walma da Costa Barros

I Encontro de Trovadores 26/09/2003, Casa do Barão de Mauá – Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis – www.petropolis.rj.gov.br

C A P R I C H O

Maria Lúcia Mendes, em Reencontro 1995 – II Concurso Nacional de Sonetos, Crônicas e Trovas – Academia Sete-lagoana de Letras, Clube de Letras de Sete Lagoas e UBT, Seção Sete Lagoas

Os dois terreiros – o da cozinha e o da sala – eu varri foi com ramos de alecrim que é pra ficar bem varridinho e cheiroso. Escolhi as folhagens mais bonitas e enfeitei o alpendre com elas; a lata de comigo-ninguém-pode ficou do lado esquerdo pra esbarrar tudo o que for quebranto e mau-olhado, pois destas coisas o mundo anda cheio.

A casa está um brinco, o chão brilha que dá gosto, e os móveis também; passei óleo de peroba na mesa da sala e pus uns galhos de

melindre na jarra. A princípio achei que estava uma beleza, mas depois vi que o melindre sozinho era triste, catei umas sempre-vivas. Assim ficou bem melhor. Os forinhos de croché guardados há tempo, eu engomei um por um e levei pra alegrar o quarto.

Meu quarto virou outro: o cobre-leito de chitão é muito arregalado, mas faz vista, põe a cama elegante, que nem de gente grã-fina. A penteadeira foi que achei uma graça:

virou árvore de natal, de tanto bibelô e vidros de esmalte. O porta-retrato ficou no mesmo lugar – sobre o criado; pena é não ter um quebra-luz. Ai sim, aquela luz morteira, bonita, daria o ar da graça no resto.

Quando chegou a vez da cozinha, também fiz o mesmo. Não deixei nada pra trás: dobrei um jornal em muitas partes e fui recortando. Quando dei fé, estava aquela fila de bonecas de mãos dadas. Forrei a prateleira com elas. Opratinho de

tira-gosto está dentro do fogão. Fiz tudo bem temperado, acho que vai agradar. Só uma coisa me deixou contrariada: a água do filtro está com gosto de barro, mas a culpa não é minha não e, sim, da talha que é nova.

Tudo pronto. Já soltei os cabelos, pus o vestido de seda e os brincos de argola. E, enquanto espero, vou tampar tudo que é greta de porta e janela. Quero esconder do mundo inteiro os nossos momentos, meu amor.

J E Q U I T I N H O N H A

Esmeralda Maria da Silveira e Souza, em Reencontro 1995 – II Concurso Nacional de Sonetos, Crônicas e Trovas – Academia Sete-lagoana de Letras, Clube de Letras de Sete Lagoas e UBT, Seção Sete Lagoas

Seo Quim mora na beira do rio com o seu filho; sempre moraram ali. Puros, inocentes, nada sabem do mundo e de suas maldades, vivem da caça, da pesca e do que a terra oferece. Criam uma vaquinha que lhes fornece o leite, mas ela já faz parte da família, até nome ela tem e se chama Mimosa. No filho, por falta de nome melhor, colocou Francisco; para simplificar chama ele de Chiquinho.

Um apenas tem ao outro e a imensidão da terra

que os cerca, também possuem galinhas, algumas poucas, todas soltas no terreiro a ciscar, representando uma despesa a mais.

Escola Chiquinho sabe o que é não, nunca foi a uma, aprendeu a ler e a contar com o pai. De diversão conhece pouco, às vezes nada no rio ou anda na canoa que Seo Quim construiu, mas, aos domingos, é sagrado, nunca perdem a missa que acontece num lugarejo próximo. De Deus sabem pouco, só que ele é pai e não desampara os que

acreditam.

Sentado na varanda, Seo Quim gosta de proesar com o compadre Manezinho e este diz: – Compadre já notou como o rio anda seco? Cada dia mais minguado, correndo lerdito como gente com doença do sangue. Até parece que tem preguiça! Seo Quim responde: Preguiça não, compadre, falta água isso é que é; ouvi dizer que o rio não vai agüentar tanta judiação, vai acabar morrendo.

Seo Quim tem o costume de colocar no rio o jequi para pegar peixe grande chamado nhonha, dá para se comer em dois dias, agora tão ficando menorzinhos, como se também tivessem fome. Seo Quim estranha, será que o rio tá com raiva? Seo Quim chama o o filho, Chiquinho, “Vem meu fio, vá ver se no jequi tem nhonha”.

O filho corre atendendo ao pai, depois volta aflito: – Pai tem nhonha não, nem jequi tem, até o rio tem mais não!